

LAZER E SOCIABILIDADE JUVENIL NA CIDADE DE SOBRAL-CE

Andrea Venini Falconi¹
Diocleide Lima Ferreira²
Ruy Damasceno Miranda³

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada com jovens em dois espaços de lazer na cidade de Sobral-Ce: o Parque da Cidade e o Boulevard do Arco. Tais espaços foram construídos na última gestão do ex-prefeito Cid Gomes, e carregam uma marca política que se pode definir como demonstração de desenvolvimento da cidade. O lazer, tanto quanto outras ações, sofreu os impactos da política instaurada por Cid Gomes, e os jovens da cidade demonstram isso em suas falas e ações. A pesquisa busca entender, a partir das práticas de lazer dos jovens sobralenses, como eles dão sentido aos dois espaços em questão; o que eles fazem nesses espaços, como se organizam, como se nomeiam, o que privilegiam e o que pensam uns dos outros.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Skate park. Boulevard do Arco. Sobral.

LEISURE AND JUVENILE SOCIABILITY IN THE CITY OF SOBRAL-CE

ABSTRACT

This work is the result of a research accomplished between youth at two leisure spaces in the city of Sobral-Ce: the Park of the City and the Boulevard of the Arch. Such spaces were built in former mayor Cid Gomes' last administration, and they hold a political mark that we can define as demonstration of the development of the city. The leisure, as other actions, suffered the impacts of the politics established by Cid Gomes, and the youth of the city demonstrates that in their speeches and actions. The present research tries to understand, based on the practices of leisure of the youth, how they give sense to the spaces in subject; what they do in those spaces, how they self organize, how they self name, what they privilege and what they think about each other.

Key-words: Leisure. Youth. Skate park. Arch boulevard. Sobral.

¹ Aluna do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UVA, financiado pela FUNCAP. E-mail: andreitaperuanita@hotmail.com.

² Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Coordenadora da pesquisa "Apropriação dos espaços: lazer, trabalho e violência na cidade de Sobral", financiada pela FUNCAP. E-mail: diocleidelima@hotmail.com.

³ Aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Foi bolsista de apoio técnico desta pesquisa, no período de outubro a dezembro de 2006, com financiamento da FUNCAP. E-mail: ruydechaval@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Sobral na perspectiva do “Rumo certo”⁴

Nos últimos anos, Sobral foi administrada por um grupo político que implantou uma visão de cidade com uma proposta político-administrativa voltada ao recondicionamento da política local, e para uma “requalificação” do espaço urbano como condição de gerar um impacto de eficácia da administração política. Essa visão se inicia com a primeira administração do prefeito Cid Gomes, que se reelege e, mesmo com a sua substituição, após oito anos à frente da administração pública da cidade, há uma continuidade do seu trabalho, pois permanece o mesmo grupo partidário no comando da urbe com as mesmas práticas e interesses.

O conceito de requalificação espacial, conforme Silva Forte (2004), faz parte de um discurso político que se vale da utilização do espaço físico e social, com “obras de impacto” na cidade, sendo muito bem utilizado pelos governos do estado do Ceará na Era Jereissati e pela administração de Fortaleza no comando do Prefeito Juraci Magalhães, nos “as denominadas revitalização e requalificação são intervenções espaciais, arquitetônicas e urbanísticas com a finalidade de fomentar atividades econômicas como o turismo e o comércio [...]” (SILVA FORTE; 2004, p. 10).

Com a administração Cid Gomes, que compreendeu exatamente dois mandatos, perfazendo oito anos (1997-2000 e 2001-2004), Sobral teve seu centro histórico tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e ainda ganhou grandes edificações, como o “Espelho d’água” (Beira-Rio) e a urbanização da margem esquerda do rio Acaraú, a avenida Pericentral, o Parque da Cidade⁵, a reconstrução da “Ponte Velha”, o Boulevard do Arco de Nossa Senhora de Fátima e a reordenação do trânsito, com ampliação de avenidas e outros logradouros. Tais ações, junto a outras direcionadas às políticas públicas para a educação e saúde, formam um conjunto que dão a marca da referida administração, considerada também um referencial para a vida da cidade, onde reinava um certo “tradicionalismo” nas ações políticas e agora experimenta um aspecto considerado pelos habitantes da cidade e políticos locais como “moderno”, “de transição”, e de uma constante transformação, causando na população sobralense o sentimento de que hoje Sobral é uma outra cidade. É comum se ouvir no discurso das pessoas, seja nas ruas, nos bares, enfim, em lugares diversos, a seguinte afirmativa: “Sobral mudou muito depois do Cid”.

No entanto, para além de um discurso normativo e apaixonado de todas as transformações sentidas e vivenciadas pela população sobralense, há de se convir que as mudanças na cidade podem refletir uma reorganização política e espacial, podendo nos mostrar um lado da urbe que sofre intervenções de “higienização” e “reconfiguração” das relações nos novos espaços construídos, tanto nos aspectos físicos quanto nos sociais. Surgem então novas formas de apropriações do espaço urbano. Porém há que se considerar como tais espaços estão sendo apropriados, por quem e a partir de quando. E neste momento, evidencia-se que essa apropriação toma diferentes sentidos a partir de quem está se apropriando dos referidos espaços, atribuindo-lhes vida social. Por exemplo: no Boulevard do Arco podemos verificar a constância de jovens pertencentes a diversas classes sociais em busca de investidas amorosas e, a partir disso, criam e recriam o espaço social vivido não somente com suas presenças, mais também com códigos específicos que criam para se identificarem naquele espaço específico, em dias e horários também específicos. As mesmas afirmações podemos fazer do Parque da Cidade, quando se verifica que são espaços onde se vivem conquistas amorosas, passeios, práticas esportivas, encontros românticos, brincadeiras de criança, venda de produtos e alimentos, shows, encontro de amigos, discussões políticas, disputas, conflitos, enfim, relações inúmeras a que os sujeitos que os freqüentam irão dar sentido e significação. São espaços vividos e consumidos pelos moradores da cidade e vendidos para os que não moram em Sobral, pois todos se tornaram cartões postais

⁴ “Sobral no rumo certo” foi o slogan da segunda gestão do ex-prefeito Cid Gomes.

⁵ O Parque da Cidade nasce no bairro do Junco, perpassa o Campo dos Velhos e termina na confluência do Alto da Expectativa com o Alto da Brasília, tendo à sua margem esquerda a avenida Pericentral, que torna mais rápido o acesso a outros bairros da cidade.

do lugar e junto ao patrimônio arquitetônico e histórico se tornaram locais com potencial de exploração turística.

A partir do relatado acima, levantamos as seguintes questões: quem são os frequentadores do Boulevard e do Parque da Cidade? O que fazem? Como estão se apropriando dos referidos espaços da cidade de Sobral? Como vivenciam e como atribuem sentido aos novos espaços da cidade? O que pensam e o que fazem? Tais questionamentos ocorrem devido ao fato de que em alguns dos espaços, como é o caso do Parque da Cidade, um espaço voltado para o lazer, que possui como principais atrativos pistas para a prática de *skate* e obstáculos de *bikecross*, considerados por desportistas como “esportes radicais”, há uma grande frequência de jovens praticantes de tais esportes e que habitam os bairros periféricos da cidade, principalmente os que ficam mais próximos ao Parque.

O Parque da Cidade não é o único desses espaços; o Boulevard do Arco de Nossa Senhora de Fátima também conta com uma grande mescla de frequentadores, sem distinção de classes sociais ou idades. Mas há ainda áreas específicas nos próprios bairros que podem ser identificados como espaços de lazer, como por exemplo, as praças públicas, que foram construídas para os moradores dos próprios bairros. E o que se pode perceber é que, mesmo com todo o embelezamento e higienização dos novos espaços construídos na cidade para o atrativo turístico e comercial, que possivelmente viria de fora da cidade, há uma apropriação pelos que estão e são da cidade de Sobral. Para tanto se faz necessário entender o que tais espaços que referencialmente seriam considerados embelezadores da cidade, significam para os sujeitos sociais que os vivenciam cotidianamente. Principalmente os jovens que buscam nesses locais alternativas como lazer, e que segundo Pinto (2002, p. 9), tal conceito define hoje, nas sociedades complexas, toda uma condição de estilo de vida acompanhando as mudanças socioeconômicas mundiais. Entende-se por estilo de vida

[...] uma expressão que, com as transformações contemporâneas deixou de ser concebida como conjunto relativamente fixo de disposições, gosto e práticas culturais que demarcavam fronteiras entre grupos para, na cidade contemporânea, se constituir de maneira mais dinâmica.

Tendo em vista que os espaços brevemente descritos acima têm duas características em comum: a prática de lazer e a frequência de grupos juvenis, estabelecemos como objetivo deste trabalho analisar as práticas de lazer dos jovens como parte de uma elaboração social do Boulevard do Arco e no Parque da Cidade.

Cabe evidenciar que as práticas de lazer aqui descritas se investem de um conteúdo simbólico, cuja análise não se limita a uma discussão da categoria lazer em oposição à categoria trabalho, e sim como uma atividade que se ressignifica, a partir das escolhas dos sujeitos que estão sendo investigados, por aquilo que lhes é agradável (MAGNANI, 1998), sem perder de vista a existência de um discurso político que constrói o espaço social e que os rumos desses espaços quem decide são os seus frequentadores.

O BOULEVARD DO ARCO: OS JOVENS E SUAS PRÁTICAS

Localizado num dos pontos mais centrais da cidade, contornando o Arco de Nossa Senhora de Fátima, um monumento símbolo de Sobral, o Boulevard do Arco foi uma grande obra que exigiu, na sua construção, uma reforma de todo o trecho onde está situado, até mesmo das calçadas das casas no seu entorno, causando uma divisão de opiniões entre os moradores da cidade, a respeito da positividade de sua implantação, refletida em um trecho do boletim municipal de Sobral:

O Boulevard do Arco é uma obra de qualificação urbana compreendida entre a Rua Maria Tomásia e a rotatória da Avenida Ildefonso Cavalcante. Toda a área está sendo trabalhada com materiais nobres e de especificações especiais, constando de canteiro central ampliado, com pavimentação em granito e piso

tátil próprio para cegos, além de ciclofaixa, priorizando o usuário pedestre e ciclista. As calçadas laterais serão completamente refeitas com acabamento em concreto especial pigmentado e faixas de jardinagem, incluindo arborização específica. O trecho próximo ao Arco Nossa Senhora de Fátima continuará, prioritariamente, uma praça cívica própria para eventos, como de costume, com todo o acabamento previsto para este fim. O trecho entre as ruas Paulo Aragão e Maria Tomásia será totalmente arborizado para uma boa qualidade ambiental. Também nessa área será construído um pequeno palco para shows e apresentações artísticas. Como a prioridade deverá ser o pedestre, as faixas de tráfego serão estreitadas para possibilitar um trânsito mais lento e contemplativo. As áreas de estacionamento ficarão compreendidas nos quarteirões do Colégio Luciano Feijão, entre as ruas Dr. Figueiredo e Paulo Aragão e em toda a extensão das ruas transversais à Avenida Dr. Guarany. (Boletim Municipal 20.12.04).

O Boulevard do Arco caracteriza-se como um espaço de lazer e sociabilidade em Sobral, devido à possibilidade do encontro e integração das pessoas. A movimentação no lugar tornou-se bastante intensa, principalmente em finais de semana e feriados, no período da noite, por um público bastante característico: os adolescentes.

Durante o dia, devido às condições climáticas da cidade, onde o calor é bastante intenso, por se encontrar num vale no meio do semi-árido cearense, essa praça é um lugar de passagem para os que vão ao centro ou a outros destinos, e nos dias da semana, à noite, vêm-se uns poucos grupos, em sua maior parte formados por pessoas que moram na avenida onde se localiza a praça e, ainda, pessoas que esperam o ônibus para ir à universidade, ou que ao final da aula param para conversar; há também grupos que marcam encontros, para de lá se deslocarem para outros lugares.

A frequência de adolescentes no Boulevard demarca uma apropriação bastante específica do lugar, que se manifesta com práticas que chamam a atenção de qualquer pessoa que esteja de passagem por aquele local nos fins de semana, com seus corpos, cores e interações. Eles fazem distinções entre si, que se evidenciam inicialmente pelas vestimentas que estão usando. Há os que usam sempre roupas pretas, com imagens de algumas bandas de rock, e tênis All Star. Outros adolescentes usam shorts e chinelos coloridos, estando pouco menos arrumados; estes são poucos e frequentam mais o local aos sábados; há jovens vestindo roupas de acordo com o que dita a moda: meninas com vários acessórios (brincos, pulseiras, prendedores de cabelo, bolsas etc) geralmente todos da mesma cor da blusa, do esmalte das unhas, da maquiagem e às vezes dos sapatos de salto alto (há uma preferência pela cor rosa!). Os rapazes usam sapatos e cintos de cor igual, ou blusas de marcas famosas (Nike, Skiller, Zefirelli etc.), com bermudas que dão maior visibilidade aos seus tênis, os quais também são de marcas caras, mas apresentam-se um pouco menos preocupados com a aparência em comparação às meninas e constituem o maior grupo entre os frequentadores do Boulevard do Arco.

Alguns códigos específicos de classificação são criados por um grupo para fazer referências a outro. Essas classificações são atribuídas a partir da reunião de uma série de características intrínsecas aos grupos. O primeiro referencial de classificação desses grupos são diferenciações que serão identificados nas roupas que usam; no entanto, outros aspectos contam em tais classificações, como as preferências musicais ou as pessoas com quem estão acompanhados.

Os grupos identificados no Boulevard são os “roqueiros”, os “PPP’s” (que significa Plays, Patricinhas e Pivetes), e os grupos que não têm uma classificação específica, como os outros dois citados, mas mantêm uma notoriedade que se destaca por suas práticas e pela a percepção que os outros dois grupos têm deles.

Os roqueiros são os adolescentes que apresentam uma aparência mal humorada e melancólica, têm uma preferência musical por bandas de rock pesado e *hardcore*, que são estilos não preferidos pelos outros adolescentes frequentadores do Boulevard; Os PPP’s se subdividem em: a) Plays, que é uma classificação atribuída aos rapazes com experiência em relacionamentos

com garotas e apresentam uma maior independência no âmbito familiar, como por exemplo ir às festas sem a companhia dos pais. São os rapazes que se vestem com roupas e sapatos de grife e combinam cores dos acessórios com a cor da roupa; b) Patricinhas são as meninas que combinam os acessórios (fivelas, prendedores de cabelos, bijuterias...) com as cores da blusa, das sandálias, da bolsa etc e c) Pivetes, que são os rapazes mais novos ou menos experientes em relacionamentos com garotas.

O terceiro grupo é formado por adolescentes que não possuem uma classificação específica, como já foi dito acima, é formado por jovens que usam roupas sem grifes, mais baratas em relação às dos PPP's, e têm estes como um referencial, tanto em se tratando de vestimentas, quanto de outros aspectos comportamentais. Cabe evidenciar um diferencial de classe entre os grupos, pois roqueiros e PPP's pertencem às camadas média e alta da sociedade sobralense, enquanto os adolescentes do terceiro grupo pertencem às camadas sociais menos abastadas da cidade. As classificações não são autodenominadas, ninguém declara ser uma "Patricinha" ou um "Roqueiro", são denominações externas, de um grupo para outro.

Os aspectos que diferenciam os Plays dos Pivetes trazem à tona a existência de subgrupos de adolescentes, definidos muito mais por práticas sociais do que pela idade, o que pode estar ligado também a um adiamento nas práticas que os classificaram como adultos. Maria Rita Kehl (KEHL, 2004, p. 91) em seu ensaio "A Juventude como sintoma da cultura", afirma que

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver mais tempo na condição de "adolescente", dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino.

Os rapazes observados continuam dependentes financeiramente de seus pais quando passam a ser reconhecidos como Plays, mas têm autonomia para tomada de decisões sobre o que vão fazer, para onde vão sair, com quem, de que forma vão pagar a conta etc. Enfim, são responsáveis pela condução de automóveis – mesmo sendo um ato infracional, fazem projetos, estão cursando ou prestes a entrar num curso universitário que escolheram, tomam posicionamentos políticos e são autônomos com relação à escolha de seus parceiros. Essas escolhas e posicionamentos influenciam fortemente na configuração das relações familiares, na visibilidade social desses adolescentes e, dependendo da intensidade e do contexto, podem tomar decisões sobre questões importantes para seu futuro.

Uma das práticas mais frequentes no Boulevard é a paquera, que consiste em troca de olhares e insinuações para uma pessoa considerada interessante, dando a entender uma "abertura" a aproximações com fins mais íntimos (conversas, beijos etc). A paquera pode ser feita durante um curto espaço de tempo ou prolongar-se por dias. Acontece de maneira diferente entre os rapazes e as moças, pois a eles é permitido ousar mais, ir mais além nas "abordagens" às moças, enquanto elas devem tomar bastante cuidado: uma moça nunca deve demonstrar explicitamente seu interesse por um rapaz, para que não pareça "oferecida", ou fique mal falada entre os rapazes. Como explicitou uma adolescente: "Quando uma menina está interessada em ficar com um cara, ela fica encarando ele, passa algumas vezes por perto, e no máximo dá um sorriso, mas com muito cuidado pra não parecer oferecida; se ele não perceber, pronto".

Se a paquera for correspondida, pode acontecer então o "fica", que consiste na troca de carinhos, beijos, na maioria das vezes limita-se à praça, mas pode haver um deslocamento para outros lugares possibilitando ao "fica" estender-se até uma transa, caso raro entre os frequentadores do Boulevard do Arco, pois o fica, assim como a paquera, pode se restringir a um curto espaço de tempo (minutos ou horas), ou pode se prolongar por alguns dias. É um compromisso não levado a sério. Havendo uma extensão desse envolvimento, quando a relação se solidifica, passando a ser reconhecida pelos amigos ou até mesmo pelas famílias, diz-se que o casal está namorando. Os casais de namorados tendem a reservar-se dos grupos, mas não por todo o tempo.

Essa atitude mais reservada das meninas é também entendida como uma fuga à classificação delas como “galinhas”, meninas que já ficaram com vários rapazes. Tal atribuição é possível pelo fato de haver uma certa familiaridade entre os frequentadores do “Arco”, que é causada pela dinâmica de rotatividade existente entre os grupos que lá estão. Um rapaz também pode ser considerado um “galinha”; no entanto, quando aplicada às meninas, essa classificação tem uma significação pejorativa. Cabe evidenciar que esta classificação não compreende a distinção de classes sociais. Qualquer Patricinha pode também ser uma galinha, assim como as adolescentes de outras classes sociais que frequentam o Boulevard também o são, desde que “fiquem” com vários rapazes em um curto espaço de tempo; por exemplo: uma menina fica com um rapaz num final de semana e no outro final de semana está com outro rapaz.

Na maioria das vezes, as pessoas conhecem e se aproximam de seus pretendentes, através de amigos em comum; o curioso é que sempre há esse amigo em comum, que cumpre o papel de cupido, sendo também portador de alguns “recados” e responsável pelas apresentações entre os interessados. O “amigo” é fundamental e está presente em quase todos os relatos ouvidos. A falta de um “amigo” pode impossibilitar uma futura relação. Pois como a adolescente não deve se expor para não ser classificada como oferecida, o “amigo” acaba sendo uma estratégia de aproximação entre ela e o rapaz desejado. O mesmo pode acontecer com os rapazes, sendo que estes podem também se valer do amigo para não se exporem e evitar chacotas quando levam um “fora”, ou seja, não têm sucesso na sua investida amorosa.

Nas relações de conquista, os meninos mais novos ficam em desvantagem, pois há uma exigência de que o rapaz tenha um “papo legal”, que seria saber levar uma conversa madura adquirida com uma certa experiência. Sem contar que a preferência das meninas é realmente pelos rapazes mais velhos, pois eles chamam mais a atenção delas, não só pelo “papo legal”, mas por um conjunto de outras características que acabam por despertar esse interesse, tais como porte físico, independência familiar, a desinibição nas investidas de conquista. Isso não quer dizer que os meninos mais novos sejam impossibilitados de ter um “fica” ou namorar com uma menina, mas que o acesso dos Plays a esse tipo de relação é notavelmente maior que o acesso dos Pivetes.

Há uma classificação que os rapazes fazem com relação às meninas: Existem as “ficantes”, que são aquelas com quem se pode e deve sentar na praça e trocar uns beijos, carinhos e nada mais, podendo dar continuidade a esses encontros e daí até surgir um namoro. Essas são, segundo eles, “as meninas para se desfilar no Arco”, e são, em quase todos os casos, enquadradas na categoria PPP. Um segundo tipo de meninas são as “esquemas”, aquelas a quem se procura com interesse imediato na transa; com elas pode-se aparecer no Boulevard, mas tem-se que tomar cuidado, pois um envolvimento com algumas dessas meninas pode significar uma “queimação de filme”, ou seja, perante os outros rapazes, ele se tornará objeto de piadinhas e motivo de riso.

As “esquemas” geralmente são meninas do grupo que tem os PPP’s como referencial. Há um medo e uma fuga muito grande por parte das meninas, com relação à classificação de “galinhas”, pois uma vez que essa “fama” espalha-se entre as pessoas, aquela menina tem sua reputação abalada. Percebe-se que há uma relação entre pobreza e disponibilidade à transa. As meninas mais pobres geralmente estão mais disponíveis a relações sexuais. Isso se deve a vários motivos: de acordo com alguns relatos, não se pode perder a oportunidade de estar com um “Play”, isso dá um certo status à menina, causando inveja a suas companheiras. Esse discurso não é compartilhado pelas “ficantes”, dizem elas que “dar uma de difícil” seria resistir às investidas dos rapazes, e isso é sempre válido, pois aumenta o interesse do rapaz.

Um fato bastante característico é o estabelecimento de padrões; existe uma espécie de conjunto de regras de conduta, que são, inconscientemente ou não, praticadas e respeitadas por todos. Há uma força coercitiva muito intensa que impulsiona as pessoas a seguirem tais padrões, e uma fuga a esses padrões resulta em repressões simbólicas que agridem o transgressor, fazendo com que ele sustente um sentimento de culpa, aceitando, então, os “castigos” vindos de todo um grupo ou parte dele. Para compreender melhor, pode-se reparar nos discursos de alguns jovens que dizem se sentir – e isso não é algo de todo negativo – coagidos a comportarem-se de certa maneira. Como no exemplo: “Se estivesse fazendo o que eu realmente queria, eu estava de

chinelos, dançando um forrozinho e até ‘dava em cima’, daquele menino ali, mas isso iria acabar comigo, nem penso na possibilidade de fazer”.

Essas práticas coercitivas e de repressão simbólica no Boulevard do Arco trazem à tona uma reflexão Foucaultiana (FOUCAULT, 1993, p. 175; 179), invocando a concepção do poder como algo socialmente construído e difundido, e que pode haver uma rotatividade em sua prática, não havendo, portanto, um detentor soberano, pois configura-se na prática, na vida social:

[...] o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força [...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social.

Essas relações são incorporadas nas práticas cotidianas dos freqüentadores do “Arco”, por exemplo, nas “queimações de filme”, que nada mais são do que tornar a transgressão de uma pessoa um erro passível de castigo. Esse episódio contará como desvantagem, podendo ter reflexões e implicações em vários outros espaços, visto que os que freqüentam o Boulevard do Arco convivem em outros lugares, como a escola, por exemplo. Os detentores de informações que possam vir a denegrir a imagem dessas pessoas podem exercer uma relação de poder, pois ela poderá ou não, “queimar o seu filme”.

Vejamos a seguir como o Parque da cidade, é elaborado socialmente pelos jovens que o freqüentam, especificamente aqueles que se apropriam do Skate Park.

O PARQUE DA CIDADE: OS JOVENS QUE ANDAM SOBRE RODAS NO SKATE PARK

O parque da cidade é um complexo de lazer onde se podem observar diversas práticas sociais, que vão desde um caminhar despreocupado pelo local a modalidades esportivas, como vôlei de areia, bicicross, cooper, skate, assim como atividades comerciais, principalmente no ramo da alimentação, exercidas por vendedores de sanduíches, churrasquinhos e outras guloseimas, e ainda pela presença de crianças se divertindo em brinquedos infláveis acompanhadas por seus pais ou babás.

O Parque da Cidade nasce no bairro do Junco, perpassa o Campo dos Velhos e termina na confluência do Alto da Expectativa com o Alto da Brasília, tendo à sua margem esquerda a avenida Pericentral, que torna o acesso a outros bairros da cidade mais rápido. O Parque foi construído em um local onde existe um riacho e esse riacho tinha um curso natural, que foi deslocado para a construção da obra, causando já de início um impacto ambiental, mesmo com a sua projeção seguindo o curso do riacho modificado. O Parque foi construído em duas etapas e teve duas inaugurações, uma para cada etapa. Na primeira, foram construídas, como principais atrativos, pistas para a prática de skate, considerado por desportistas como “esporte radical”, praticado, quase sempre, por jovens e adolescentes. Ou seja, o espaço já tem algum fim de apropriação. Inclusive, na sua primeira inauguração, houve um show da banda Charlie Brow Jr., um grupo musical que simboliza, com suas vestimentas, letras e melodias, “o mundo” dos praticantes de skate, até mesmo devido ao vocalista ser praticante desse esporte. Também foi construída uma pracinha com uma fonte que jorra água mais comumente à noite, quando no local há um número maior de freqüentadores. Cabe evidenciar que ao lado dessa praça, em frente à pista de skate, estão localizados um supermercado, um posto de gasolina, uma loja de conveniência e um restaurante, todos pertencentes ao dono do supermercado.

Na segunda etapa do Parque, outros aspectos surgiram como definidores do espaço: a construção de quiosques para a venda de bebidas e comidas, duas quadras para a prática de esporte na areia, vários banquinhos ao longo do trajeto e a construção da pista para a prática de

bicicross.⁶ Além disso, já se percebia a movimentação das imobiliárias aterrando e loteando terrenos, antes inabitáveis, para venda. As empresas de construção já atuavam também no local, não somente por conta da construção do Parque, mas devido à construção de prédios de apartamento e comércio com vista para o local.

Um dos atrativos do parque é a tendência à prática de esportes, tendo o skate um privilégio no local, como já foi evidenciado acima, por ter sido a modalidade esportiva contemplada com a construção de uma pista reconhecida pelos skatistas e especialistas neste esporte como a melhor do Nordeste, colocando Sobral, inclusive, no rol dos mais importantes campeonatos de skate do Brasil. A pista foi batizada pela alcunha de Skate Park, e é a primeira pista pública do município com obstáculos variados. Tem uma área com 520 metros quadrados, divididos em mini-rampa, savanas com caixote e traves, funbox, quarters, rampas retas de 45° e corrimãos⁷.

No Skate Park, se observa como os jovens que freqüentam o espaço modificam e ressignificam seu cotidiano e suas práticas. A construção da pista veio favorecer um grande contingente de novos desportistas, que acreditam que o esporte pode lhes proporcionar maiores oportunidades, além de se configurar como um espaço de aprendizado, lazer e sociabilidade. Os praticantes, em sua maioria, são jovens entre 11 e 32 anos. Nas observações pode-se constatar que os desportistas estão sujeitos a riscos constantes, pelo fato de grande parte não utilizar equipamentos de segurança para praticar o esporte, e muitas vezes ocorrem acidentes graves, deixando seqüelas para esses jovens, como lesões e fraturas em todas as partes do corpo. Os freqüentadores do Skate Park são, em sua maioria, de classe baixa e vivem em bairros da periferia de Sobral, como o Alto do Cristo, Alto da Expectativa e Cohab I e II.

O espaço do Skate Park também é disputado por crossistas e patinadores, não sendo, então, de uso exclusivo dos skatistas, os quais se contentam com o que chamam, “lado pequeno” da pista que fica ao lado de um supermercado⁸.

No “lado pequeno”, há grafites com mensagens que acabam fazendo parte da “ideologia skatista”. Esta ideologia se caracteriza pelo discurso utilizado entre eles, suas vontades e desejos, seu modo de vestir e agir, e isso fica mais claro quando lançamos um olhar atento sobre os grafites desenhados nas paredes que envolvem a pista: uma menina com o skate na mão e em destaque tem “Jesus é a Salvação” e em pequenas bolhas palavras de ordem como: vontade de correr, capacidade, rua, coragem, fé, adrenalina, “caltela” (sic), amor, proteja o verde, parem o crime, parem a violência, ajude alguém, use camisinha, humildade acima de tudo, chega de preconceitos, ciência, paz e irmandade, ame a Deus é o certo, paz, pratique esporte, paz no trânsito e pense antes de agir. Há ainda palavras destacadas com letras maiúsculas: SKT, BMX, JESUS, PAZ e CURTA RAP.

Na parte traseira do muro do supermercado está grafitado um dos símbolos da cidade – o Arco de Nossa Senhora de Fátima – e uma caricatura do mascote do próprio supermercado andando de skate, e também tem escrito: “Lupinho vive”, uma homenagem a um skatista militante da causa pró-pista em Sobral que morreu em 2004, quando voltava para casa do festival de quadrilhas, um evento que acontece na cidade em decorrência das festividades juninas, acompanhado de sua namorada. Os dois se envolveram numa briga de gangues, e o jovem rapaz levou três facadas, chegando a falecer poucos dias antes da inauguração do Skate Park.

Na parte traseira da pista há um canal que atravessa todo o parque, o qual foi parcialmente coberto por reivindicação dos praticantes durante o primeiro campeonato nacional de skate, pois os mesmos caíam dentro do canal e tinham que ser buscados pelos praticantes,

⁶ Antes do Parque, não existia nenhum espaço para tais práticas; mesmo assim elas existiam, independente de o Poder Público tomar essa iniciativa, pois já existia um grupo de adolescentes que praticavam bicicross em algumas áreas da cidade, principalmente nas periferias. No entanto, não tinham uma maior visibilidade por parte da população, que os considerava loucos, devido ao que faziam.

⁷ Todo o projeto foi feito pela empresa Flyramp Skateparks, especialista nesse tipo específico de construção.

⁸ Os tipos de pistas são *overall*, que é o *bool*, uma espécie de cova redonda, e o *halfpipe*, que é a pista vertical. A pista *street* é aquela que se assemelha à rua; contém escadarias, corrimão, etc.

acabando por se molhar e se sujar de lama. Nessa parte da pista, a parede se transformou numa espécie de painel com assinaturas dos grafiteiros com letras grandes e coloridas: O nome UZE estilizado e a mensagem “Tudo posso naquele que me fortalece”, e o nome de outro grafiteiro, chamado SELO, com a mensagem: “Não há rei que se salve com a grandeza dum exército, nem o homem valente se livra pela muita força. Salmo 32:16”. Podemos notar com essas frases um apelo à religiosidade, muito embora não se perceba a qual vertente do cristianismo ocidental tais apelos se remetam diretamente.

Ao lado esquerdo, no chamado “lado alto”, que é utilizado pelos crossistas (ciclistas) e pelos patinadores que normalmente circulam por toda a pista, há três bancos posicionados paralelamente. No entanto, esses bancos não oferecem uma boa visibilidade para a platéia. Na parede lateral está escrito: “Preserve a quadra ela é nossa, conquista e vitória para o esporte radical de Sobral!!! UNIGRAF-SS (União de grafiteiros de Sobral)” e novamente “Lupinho vive” e “A paz verdadeira é a de Deus!!!”. Na parte dianteira da pista está escrito bem grande: “Esportes radicais também é cultura!”. Cabe aqui evidenciar que a divisão da pista, segundo informação obtida no local, foi delimitada numa reunião informal, à qual estiveram presentes os desportistas das três modalidades, que definiram os espaços de utilização de cada categoria; no entanto essa delimitação não é totalmente respeitada.

Para a utilização do espaço, existem códigos que vêm sendo inventados desde a construção da pista e que são incorporados pelos iniciantes no esporte ou, como eles mesmos denominam, os “novatos”. A utilização do espaço e o significado que cada categoria lhe atribui podem ser interpretados pela antropologia urbana, na afirmação da análise das “sociedades complexas” (VELHO, 1999), que é a própria dinâmica das práticas vivenciadas e construídas externamente por diversos segmentos culturais nas sociedades ocidentais. Neste ponto reside o principal fundamento do pesquisador: até que ponto o estudo da sua própria sociedade é inquestionável do ponto de vista do senso comum? Poderíamos então compreender a dinamicidade do contexto cultural aqui pesquisado, como “estudar situações que ocorrem em cidades sem que tenhamos, forçosamente, de explicá-las pelo fato de estarem ocorrendo naquele quadro especial. Estamos fazendo ciência social na cidade e não da cidade” (OLIVEN, 1996, p. 3).

Essa afirmação ajuda a compreender a cidade não só como um recorte espacial, mas também enquanto uma complexidade de relações sociais. Dessa forma a cidade se torna uma variável, criando-se uma “cultura urbana” na qual a sociedade inserida em tal contexto a elabora e a transforma com as suas práticas cotidianamente.

A platéia do Skate Park é muito diversificada. Lá vão as namoradas dos esportistas, curiosos, comerciantes e garotas em busca de um “fica”. Pode-se observar que jovens da platéia bebem cachaça e algumas vezes se embriagam e fumam cigarros. Outros lutam Jiu-jitsu na grama e conversam bastante. Também se encontram observadores nos bancos posicionados em uma lateral da pista e na parte superior da rampa.

Os praticantes dos esportes são, em sua maioria, do sexo masculino, e no grupo de observadores se aglomeram garotas, também em grupos. As garotas, vestidas de maneira diferente do estilo skatista, comentam as manobras dos rapazes, que podem ser ou vir a ser um paquera. Os rapazes se exibem para elas (alguns sem blusa e suados), soltando gritos e se arriscando bastante com manobras diferentes dos “novatos”, que são bastante cautelosos. A maioria das garotas só observa, passam batom e comentam entre o grupo qual é o mais bonito. Encaram os rapazes e eles se exibem, fazendo manobras e olhando para elas. As garotas vibram ao se sentirem observadas. Elas vêm de bairros próximos ou distantes do Parque da Cidade, como é o caso do Cohab II, e freqüentam a praça e a igreja do bairro, vão ao Boulevard, mas afirmam ser o Skate Park mais animado. A platéia vibra com as manobras arriscadas e ri com as quedas.

Daniele⁹, de 15 anos, é a única das amigas que mora próximo à pista; então as amigas vão à sua casa. Ela conta que sempre vai ao Skate Park e que já ficou com um garoto “crossista”.

⁹ Todos os interlocutores aqui apresentados terão nome fictício.

Segundo ela, para ficar, eles se dirigem até o fim do Parque da Cidade, próximo à pista de BMX, esse lugar é menos movimentado e mais escuro. Mas garante que se a menina for bonita, ficam na frente de todo o mundo; afirma que existem os mais cobiçados, que seriam os mais bonitos ou que melhor andam de skate. Alguns são “boçais”, pois têm preconceito com morenas (negras) e eles não ficam com essas garotas. Relata o caso uma amiga negra que quis ficar com um garoto e pediu para ela ir falar com ele, o menino viu quem era e disse que não ficaria com ela por causa da sua cor. Também ficou delimitado o espaço da platéia, que só pode estar nos arredores da pista, nunca do lado de dentro. Daniele disse que um dia sentou em uma parte de dentro e um skatista gritou “saia daí, porra!”.

Pode-se perceber um conflito de gênero entre os jovens nos dois espaços de lazer. No Boulevard os garotos classificam as meninas, na pista é o inverso, mas a aprovação para as relações acontecerem vem do garoto. Por parte das garotas, na escolha do “fica”, há o receio de que os meninos façam uso de algum tipo de droga e não gostam dos meninos que se vestem mal: “tem uns que são maneiros outros são muito mal-amanhados¹⁰” (Juliana, 16 anos). Não se percebe entre as meninas uma aptidão para a prática do esporte; elas afirmam ter curiosidade, mas não têm coragem.

O lazer é algo que aparece freqüentemente no discurso dos freqüentadores, tanto dos esportistas, como do público que freqüenta o parque. E podemos ver este discurso nos slogans da prefeitura com a inauguração do parque: “lazer, segurança e cultura”. No entorno da pista também podemos perceber como estão ligadas as categorias lazer e trabalho, quando observamos as atividades dos comerciantes que ali se encontram, aproveitando o tempo de lazer dos freqüentadores para vender produtos, configurando então atividades de trabalho naquele espaço.

Há também o sonho de profissionalização dos skatistas. Muitos dos jovens que praticam esporte no Skate Park estabelecem como meta de vida se profissionalizar naquele esporte, e o lugar se transforma na possibilidade de concretização dos sonhos daqueles jovens. Principalmente depois que Sobral sediou campeonatos nacionais de skate.

O Skate Park é uma reivindicação antiga dos skatistas. Em Sobral existia o movimento skatista, jovens que se reuniam principalmente na praça do abrigo e para lá levavam os obstáculos para o treinamento ou praticavam o esporte nas ruas e calçadas. Os praticantes de skate fizeram movimentos em prol da classe skatista, formaram associação e abaixo-assinados. Faziam manifestos nas inaugurações em que o prefeito estava, na época Cid Gomes, protestos em frente à prefeitura, enfim, uma série de artimanhas para conseguir um contato com alguém que possibilitasse a efetivação dos seus anseios e desejos. Esse movimento era chamado de MP (movimento das praças ou movimento punk), por algum tempo se tornou uma gangue, segundo praticantes mais antigos e que fizeram parte no início do esporte na cidade.

O espaço utilizado inicialmente por esses jovens era motivo de confusão e expulsões freqüentes, seus skates eram os destruidores das praças e eles corriam perseguidos pelos guardas municipais. Sua visibilidade se evidenciava no sentido de subverter a ordem. Porém, apesar de serem muitas vezes estigmatizados pela sociedade, acreditaram no seu trabalho, ou melhor, no esporte, e por ele se organizaram, reivindicando seus direitos. Finalmente seus primeiros anseios se concretizaram em forma de uma associação dos skatistas de Sobral. No entanto, algumas discórdias acabaram por desorganizar o movimento, e hoje eles vêm lutando na sua individualidade por um reconhecimento no meio esportivo.

O espaço é essencial para pensar como as práticas desse grupo são construídas constituindo-se numa rede de relações sociais, pois serve como um meio de reconhecimento de grupos diversos. O Skate Park é freqüentado e “pertence” ao grupo dos skatistas, crossistas e patinadores, por ser também por eles elaborado. É, como diria Magnani (1998), um “pedaço”. José Sobral, com sua definição de lugar, permite-nos entendê-lo como

[...] um conjunto físico de instituição [...], no qual estão inseridas determinadas práticas, mas pode também estruturar práticas em uma ou outra direção [...].

¹⁰ Palavra bastante usada no Ceará e significa desarrumado.

Cada local encontra-se diferenciado de um modo distinto e a classe será muitas vezes um dos factores determinantes dessa diferenciação. (SOBRAL,1994, p.228).

Nesta citação está claro que o lugar diz muito do grupo, mas não fixa uma identidade ao grupo, e sim o grupo é quem doa uma identidade ao lugar.

Os skatistas se vestem com um estilo próprio, calça com o fundo na altura dos joelhos, “estilo Fat”, camisetas com nomes ou fotos de bandas de rock ou de rap, cintos coloridos, tênis robustos, pois eles são feitos para dar maior aderência ao shape (prancha de madeira onde o skatista apóia os pés), sempre de bonés ou toucas, cabelos curtos, em sua maioria raspados, calças baixas, que normalmente mostram a cueca estilo “samba-canção”.

Dentro da linha skatista existem dois tipos de estilo: o *skate punk*, que é principalmente constituído de jovens que gostam de rock. São tênis mais baixos, camisa mais curta, com cores mais fortes, calças mais coladas ao corpo e cintos de metal; e o *hip hop*, os quais usam touca ou boné-lenço, calça muito frouxa e tênis maiores, escutam rap. Nos dois estilos, marcas e adereços nos corpos dos jovens, como o uso de tatuagens e piercings, são bem comuns. Esta identidade construída através da imagem é fruto da sociedade consumista em que vivemos; o estereótipo *rapper* ou *punk* foi disseminado através da mídia e hoje se configura como espécie de código de conduta exercido entre os jovens, principalmente da periferia.

Mas como toda estética comporta uma ética, a escolha do modelo da periferia faz alguma diferença. É como se fosse possível encontrar alternativas para a falta de sentido da vida pautada pelo consumo identificando-se com aquelas que não têm recursos para consumir. (KEHL, 2004, p.102)

O estilo de andar é bem característico: pés para fora e uma espécie de balançar de cabeça e ombros. As medidas de segurança tomadas pelos praticantes são muito poucas. Pode perceber-se que os skatistas não utilizam equipamentos de segurança. Dizem que atrapalham na prática e no resultado. Alguns patinadores usam joelheiras; entre os ciclistas, os aparatos de segurança são mais usados (capacete, luvas, cotoveleiras e joelheiras).

Outro fator que chama a atenção é a falta de cuidados que alguns praticantes de skate têm com sua saúde física. No período em que estavam sendo realizadas as observações, um jovem iniciante deslocou o ombro com uma queda e ficou impedido de andar. Outro rapaz, um veterano, vive mancando e sente muita dor quando cai. Todos afirmaram ter sofrido acidentes graves e não procuraram um médico. Existe um medo muito grande de que isso os impossibilite de praticar o esporte. Com isso, podemos perceber uma diferenciação no cuidado com os seus corpos, os quais vivem arranhados e com hematomas.

O aprendizado no Skate Park se dá, principalmente, com a dor, já que os tombos são inevitáveis: o fim do corpo e do gozo (CANEVACCI, 2005) se dá com a busca da excitação e do autocontrole (ELIAS, 1992), através de práticas não enquadradas nas boas maneiras do processo civilizador.

CONCLUSÃO

Os pesquisadores aqui tiveram a possibilidade de freqüentar os dois espaços analisados e perceberam como alguns grupos juvenis estão se apropriando dos mesmos e estão construindo a própria cidade, numa determinada época, com suas práticas, as quais não são fixas e nem dizem tudo dos lugares que foram descritos acima. No Boulevard, por exemplo, podemos encontrar facilmente garotos de skate e patins, atravessando rapidamente o circuito retilíneo e o piso suave que os ajudam a correr cada vez mais. Porém, são freqüentemente reprimidos pelos guardas municipais, alegando que estragam o piso e podem causar acidentes. No Skate Park percebemos a presença de garotas que saem em busca de um “fica” e também são “patricinhas”; vêem neste espaço uma espécie de sociabilidade “diferente”, pois apesar de não haver uma identificação estreita, existe a admiração pelos garotos e suas manobras radicais. Digamos que esses espaços

possibilitam nos fazer ver os contrastes de uma cidade a partir de suas apropriações ou elaborações sociais, onde “a forma exemplar da coexistência (hierarquizada) de mundos sociais diferentes possibilita o contato entre eles.” (HEILBORN, 2002, p. 107).

O Boulevard do Arco e o Skate Park são reconhecidos a partir das pessoas que lá estão. Perguntar o que é o Boulevard ou o que é o Skate Park é, antes de qualquer coisa, perguntar quem está lá e fazendo o quê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Editora Difel, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, G. (Org.). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. pp. 98-107.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes. 1996.
PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e estilos de vida: reflexão de debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. In: ____ (Org.). **Lazer e estilo de vida**. Santa da Cruz do Sul: Editora Edunisc, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. **Boletim municipal**. Disponível em: <http://www.sobral.ce.gov.br>. Acesso em: 20 de dezembro de 2004.

SILVA FORTE, Joannes Paulus. **A construção do METROFOR e suas conseqüências sobre o trabalho informal no Centro de Fortaleza**. 2004. 130 f.. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SOBRAL, José. Estilos de vida, consumos e lazer num espaço rural português: alguns aspectos. In: **Actas do Congresso Mundial de Lazer**. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.